

# RAS é o maior obstáculo à cooperação África-Occidente

N.  
26/3/62

## ♦ Ministro Jacinto Veloso ao "Expresso"

«O Ocidente tem de saber que a África do Sul é o maior obstáculo à cooperação entre nós, africanos, e os ocidentais» — disse o Major-General Jacinto Veloso, membro do Burô Político do Partido Frelimo e Ministro da Segurança da RPM. Jacinto Veloso fez estas declarações numa entrevista que concedeu ao jornal português «Expresso» no decurso da sua estada de oito dias em Portugal. Aquele membro da direcção do Partido e Estado regressou ontem a Moçambique, tendo afirmado no aeroporto de Maputo que as autoridades portuguesas «estão bastante sensibilizadas» para a gravidade da situação da África Austral.

Citando o Ministro Jacinto Veloso o jornal português escreve: «O Ocidente tem de saber que quem desestabiliza aquela zona da África Austral é precisamente a África do Sul. É a África do Sul quem semeia a guerra, quem organiza os boicotes de toda a ordem, quem através dos poderosos meios de que dispõe, sabota a economia de povos que querem seguir o seu caminho. Como acontece connosco em Moçambique».

Acrescentou que a África do Sul é o maior obstáculo à cooperação de África com o Ocidente por «motivos que são evidentes», mas também por questões de segurança para os seus haveres e pessoas.

«É a África do Sul — prosseguiu — que entra pelas nossas fronteiras dentro, mata as nossas populações, semeia o terror, destrói objectivos estratégicos do nosso plano económico ou de abastecimento às populações, fazendo saltar pontes e vias férreas, etc.».

Sobre a opção socialista de Moçambique e as eventuais implicações que esta posição tenha nas relações com países capitalistas, o Ministro da Segurança frisou: «Os países que desejam cooperar connosco fazem-no respeitando as nossas opções, ou fazem-no para que nós sejamos aquilo que eles querem? Nós não nos metemos nos assuntos internos dos outros países. Pedimos que os outros se não metam nos nossos».

— Mas vocês não se metem nos assuntos internos da África do Sul? — perguntou o jornalista do «Expresso».

«De forma alguma — respondeu Jacinto Veloso. — O que nós condenamos na África do Sul é o que todo o mundo condena: o «apartheid». O que Portugal também condena. Um crime institucionalizado. E estamos, evidentemente, com todos os que combatem o crime. Só que nós, porque mais próximos, sofremos a retaliação da África do Sul e também

porque pretende impedir que na sua vizinhança se constituam nações independentes que representem um desafio à sua tentativa de hegemonia racista. Porque o problema é só este: o «apartheid» e a sua manutenção».

O jornalista insistiu ainda na questão da guerra não declarada que nos é movida pela África do Sul, perguntando se isso não seria o resultado da opção socialista de Moçambique.

«Nós temos as melhores relações com países capitalistas — explicou Jacinto Veloso —. Portugal é um exemplo. Também temos boas relações com países africanos não socialistas».

O Ministro da Segurança da RPM disse mais adiante que «não temos e já o afirmámos várias vezes, bases do ANC no nosso território, ao contrário do que acontece com a África do Sul que, ao longo da nossa fronteira, mantém campos de treinos de mercenários e bandidos contra nós».

A questão por conseguinte não é entre capitalismo e socialismo. A questão está no racismo institucionalizado. Na desigualdade do cidadão perante a lei, — conclui o «Expresso» com base nas declarações do Ministro moçambicano.

Numa outra passagem da entrevista afirma também: «quando a África do Sul afirma que vem perseguir os terroristas que se abrigam em Moçambique e garante serem membros do ANC, é caso para perguntar porque motivo tentaram o golpe nas Seychelles, onde não havia ANC e porque motivo invadiram Angola em 1975 onde também não havia ANC».

A entrevista publicada na última edição deste semanário é acompanhada por fotografias e um mapa reveladores da participação directa do exército sul-africano nas agressões ao nosso País.

O artigo diz também que o Ministro da Segurança da RPM mostrou ao jornalista do «Expresso» documentação diversa, através da qual fica claro que parte da direcção do Movimento contra Moçambique se sedia em Lisboa e espalha-se por Cascais, Montijo, etc...»

A questão de Cahora Bassa é igualmente abordada.